

OS ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS INY-KARAJÁ DA ALDEIA KREHAWÃ

Maria Nazaré Souza Nascimento¹

GDn° 16 – Etnomatemática.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender os processos socioeducativos, a partir das relações sociais estabelecidas nos distintos espaços educativos da aldeia, pois, os saberes, fazeres e conhecimentos Iny são construídos coletivamente em diferentes espaços (pátio, ambientes domésticos, roças, beira do rio, cerrado, casas dos homens, rituais, cerimônias, etc), estando repletos de valores e significados. A educação Iny se inicia logo na infância, sendo responsabilidade de toda comunidade acompanhar o processo educacional estruturando os saberes, fazeres e conhecimentos necessários para a inserção dessa criança na comunidade, porém, a maior parte recai aos familiares. Esses conhecimentos são difundidos na convivência diária e transcorre ao longo da vida, obtendo fortes ligações entre os sujeitos, natureza e cosmológico. A abordagem metodológica ancora-se na perspectiva Etnomatemática, na ótica D'Ambrosiana, pois, possibilita melhor compreender as organizações de diferentes culturas e seus respectivos modos de produzir e difundir conhecimento, dialogando transdisciplinarmente com diversas áreas do conhecimento. A investigação será de caráter etnográfico, numa abordagem qualitativa, utilizando-se da observação participativa, instrumentalizada pelo caderno de campo, gravações de áudio, filmagens, fotografias, oficinas, e convivência in loco. Com a realização desse trabalho espero que, a partir dos conhecimentos culturais Iny, incididos pelos mais velhos possam contribuir para evidenciar os saberes, fazeres e conhecimentos culturais aos mais jovens e que estes possam reafirmar sua identidade, valorizando sua cultura, assegurando a este povo disponibilidade às informações e aos conhecimentos imprescindíveis que alicerçam os costumes tradicionais, bem como ao projeto de educação escolar almejado pelo povo.

Palavras-chave: Saberes e Fazeres; Conhecimento; Transdisciplinaridade; Iny.

1. INTRODUÇÃO

A pedagogia Iny está ancorada na educação indígena e nos processos socioeducativos desse povo, partindo dos espaços de vivência e suas dinâmicas dentro do seu ambiente cultural e social nos diversos espaços educativos da comunidade Iny. Os quais estão impregnados de saberes, fazeres e conhecimentos culturais regados de valores e significados. Pois é no processo socioeducativo, a partir das relações sociais estabelecidas no convívio coletivo diário nos distintos espaços da aldeia que é difundidos os saberes, fazeres e conhecimentos tradicionais.

A educação Iny se inicia logo na infância, sendo os familiares os maiores responsáveis pela educação da criança, porém, essa responsabilidade se estende por toda comunidade para estruturar os saberes, fazeres e conhecimentos precisos para inseri-la na comunidade. Esses conhecimentos são difundidos na convivência diária e transcorre ao longo da vida, obtendo fortes ligações entre os sujeitos, natureza e cosmológico.

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT; Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECEM; nazare@unemat.br; orientador: Prof. Dr Adailton Alves da Silva.

A pesquisa será desenvolvida com o povo indígena Inỹ habitantes da aldeia Krehawã, situado na Terra Indígena São Domingos, município de Luciara-MT, aproximadamente 1.200 km de Cuiabá capital do estado, a esquerda do rio Araguaia, nas proximidades de uma pedreira denominada Kre-hawã, que na língua Inỹ significa Martim Pescador, um pássaro existente em grande quantidade no local (*Ceryle torquata*). Referente a suas limitações, na parte Sul faz divisa com o município de São Félix do Araguaia-MT, ao Leste com a Ilha do Bananal-TO, ao Norte com Santa Terezinha-MT e ao Oeste com Porto Alegre do Norte-MT e Canabrava do Norte-MT. Segundo o Censo de 2010, divulgado pelo IBGE.

Segundo o linguista Rodrigues (1999, p. 181) a família dos indígenas Karajá pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e divide-se em três grupos Karajá, os quais estão localizados na área que vai de Santana do Araguaia-PA até Aruanã-GO; Javaé, localizados no Rio Javaé braço direito do Rio Araguaia; e Xambioá, instalados na Ilha do Bananal-TO norte do Rio Araguaia. Cada povo tem formas diferenciadas de falar e muda conforme o sexo do falante, contudo, apesar destas diferenças na pronuncia, todos se entendem e se auto denominam Inyboho, que significa “nós todos”. Em algumas aldeias, como: Xambioá, Aruanã e Krehawã o Português tem sido predominante, devido o contato com a cultura externa, porém, as crianças aprendem primeiro a língua materna falada no convívio familiar.

A aglomeração de saberes que legitimam o sujeito em sua essência de natureza Inỹ, fruto das interações, dos diálogos e da educação que acontece no ambiente (espaço) da sociedade, em que estão inseridos. Contudo são diversos os espaços de aprendizagens numa comunidade indígena, como: vivência familiar, na roça, na prática de caça, no rio, na confecção de artesanatos, nos rituais, no cerrado, etc.

Desse modo, o objetivo geral consiste em compreender os processos socioeducativos do povo Inỹ a partir dos diferentes espaços de vivência, convivência e transcendência da aldeia Krehawã e como objetivos específicos mapear/caracterizar os espaços socioeducativos da aldeia; compreender os eventos culturais/educativos nos diversos espaços da comunidade a partir da sua dinâmica e articulações dentro do ambiente natural, cultural e social; proporcionar momentos de diálogo entre anciãos, jovens e crianças no intuito de proporcionar a troca de saberes, fazeres e conhecimentos culturais.

Ao longo dos anos convivendo diretamente com o povo Inỹ da aldeia Krehawã, compartilhando saberes, fazeres e conhecimentos culturais faz parte de uma história de vivência e de experiência, compartilhando saberes, fazeres e conhecimentos que ocorrem na

perspectiva de ensino e aprendizagem originados nas vivências diárias em diferentes espaços da comunidade, contudo, percebi a riqueza de conhecimentos possuídos por esse povo.

Dessa forma, percebe-se que o convívio diário nos distintos espaços da aldeia é fundamental para configurar a educação Iny, sendo que, é nesses espaços que fomenta vários mecanismos que resulta em ensino, aprendizagem e educação. Nesse processo, acontece uma troca de saberes e fazeres, ao mesmo tempo em que a criança aprende, ela ensina o sentido da liberdade, respeito, generosidade se preparando para enfrentar a vida.

Diante do exposto, surgira o seguinte questionamento. Como se sistematiza os saberes socioeducativos do povo Iny a partir dos diferentes espaços de vivência, convivência e difundido? Contudo, tais inquietações remeteram à elaboração dessa pesquisa, a fim de contribuir para o fortalecimento e valorização dos saberes, fazeres e conhecimentos culturais e emponderamento Iny, após compreender os saberes socioeducativos desse povo, os quais são gerados nos distintos ambientes de vivência, convivência e transcendência na aldeia Krehawã. Em suma, a continuidade desses conhecimentos, saberes e fazeres do povo Iny, tão conhecidos por suas características robustas e relutantes estão fragilizados, com possibilidades de serem extintos se nada for feito.

Então, justifico a importância desta pesquisa pela busca de caminhos que promovam o fortalecimento da identidade Iny por meio do diálogo entre saberes, fazeres e conhecimentos culturais desse povo. Pois, conforme destaca Silva e Severino-Filho (2018) para discutir os diferentes processos socioeducativos indígenas, inclui as questões relacionadas aos princípios culturais do povo, a forma de constituir e manter as normas, valores e princípios responsáveis pela difusão dos saberes e fazeres adquiridos nas vivências e convivências. Nesse processo, abarca também os ritos, as cerimônias, a vida cotidiana, hábitos alimentares, organização social, artes, dentre outros aspectos.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No Brasil, até os anos 70, a educação indígena objetivava integrar e “civilizar” os índios na sociedade. “A educação tinha fins catequético e associativo, mas sempre com histórico submetido a uma condição étnica inferior, quando vistos nos moldes da cultura ocidental cristã” (KAHN & FRANCHETTO, 1994, p.6). A partir da efetivação da Constituição de 1988 (CONSTITUIÇÃO, 1988, p. 150), iniciou-se uma mobilização indígena a fim de garantir os direitos à sua política organizacional, cultural e, conseqüentemente, à sua educação diferenciada.

De acordo LDB (2017), art1º “a educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, movimentos sociais e organizações, sociedade civil e nas manifestações culturais”. Desse modo, compreende que educar engloba vários processos formativos que podem acontecer em vários espaços e não somente no ambiente escolar. Portanto, ressalto que no meio Inỹ nos deparamos com vastas formas de saberes, fazeres e conhecimentos culturais, cujos, são compartilhadas conosco. Diante desses aspectos, é possível perceber várias formas de educar as crianças e de compartilhar conhecimentos tradicionais que vão sendo transmitidos de geração em geração e que tem muito a ensinar aos mais novos.

Conforme afirma Geertz (2008) o ser humano é um sujeito incompleto e inacabado e vai se completando através do contato com distintas culturas, experiências e sua individualidade, uma vez que, foi constatada a capacidade do sujeito aprender. Ainda, conceituando cultura, Mauss (1974) enfatiza que conceituar a cultura indígena é desafiador, é preciso considerar a enorme diversidade de definições e de populações indígenas e suas ações de forma geral. O termo cultura pode emitir a compreensão de uma aglomeração de princípios simbólicos. A seguir o autor define melhor essa concepção:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social e, ainda mais, as relações que estes dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros. (MAUSS, 1974, p. 9).

Gusmão (1999), define que cultura corresponde a diversidade das formas de viver e à condição essencial do homem como ser cultural. No entanto, falar de culturas, é inevitável fugir da pluralidade, pois engloba identidades, as relações entre grupos e são permeadas tanto por relações materiais, nas quais os homens produzem e organizam suas vidas, como por relações imateriais, compreendendo a simbologia e suas múltiplas formas de expressão, desde costumes, língua, religião, crenças, saberes e outros.

Para a autora, um aspecto fundamental consiste na compreensão de que as culturas se fazem como realidades dinâmicas, sempre em processo contínuo no interior de cada comunidade e em diferentes lugares, o sujeito se faz particular, como o modo de vida que constrói para atender suas necessidades de sobrevivência. Compreende-se também a cultura como forma de comunicação, pois ela estabelece relações entre os sujeitos, a partir de símbolos, códigos, imagens, impressões, movimentos corporais, gestos e tantos outros

processos que permitem os indivíduos se entenderem e interpretarem a realidade atribuindo-lhe sentidos e significados.

Gusmão (1999) destaca que as culturas envolvem modos de ser, fazer sentir e pensar que dotam a vida de significado, dando-lhe sentido e razão. Ordenam e organizam a vida social, mas de modo profundamente dinâmico, não fixo e estacionado. As culturas enquanto prática simbólica e estruturas de mediação constituem um campo político de muitas possibilidades, já que envolvem seletividade, ideologia e mudança; envolvem os espaços políticos e sociais das relações entre os homens.

Na concepção de Tuan (1982), “Espaço” e “Lugar” são termos que indicam experiências comuns. A priori, o significado de Espaço repetidamente é confundido com Lugar. O “Espaço” remete a algo mais abstrato do que “Lugar”. Para um melhor entendimento, inicia-se com espaço o que é indeterminado e transforma-se em lugar à medida que nos familiarizamos melhor e aderimos valores e significados. Tuan ainda destaca que Lugar é um local que atribuímos valores e onde são satisfeitas as necessidades biológicas do ser humano (comida, água, descanso e procriação), e as necessidades sociais como (rituais, educação dos filhos, cerimônia de casamento, etc.). Então, espaço não existe a priori, ele é resultado de uma série de representações que possui organização e articulação. Portanto é uma região ilimitada e elaborada a partir da relação dos elementos que o constitui e com o cosmos.

Nesse contexto, percebe-se que o espaço Inỹ se estrutura a partir da definição e função de cada lugar para o povo. Portanto, os lugares estão interligados a partir do grau de afinidade existente entre os grupos de idade e a divisão dos clãs. Para melhor entendimento dessa relação de afinidade, destacando os principais lugares dentro da organização espacial da aldeia Krehawã: o pátio da aldeia, as casas domésticas, à beira do rio, a roça, a casa dos homens, cerrado etc. Estes espaços formam um conjunto de lugares com utilidades diferentes, e respeitando uma ordem. Tais lugares têm histórias, sentidos e significados culturais, e perante uma ordem cultural, a qual é fruto das relações sociais do grupo, e que determinam aprendizagem desde os primeiros anos de vida.

Dessa maneira, a aldeia Krehawã pode ser abarcada como um conjunto de todos os lugares elencados anteriormente. A qual se estrutura a partir de esquema espacial e social estabelecido pelas relações desses lugares que a constituem com a natureza. Suas características são muito semelhantes as demais aldeias do povo Inỹ. Dentro dessa organização podemos dizer que a aldeia Krehawã está situada numa extensa faixa às margens do rio Araguaia, frente à ilha do Bananal que é a maior ilha fluvial do mundo, as casas são

construídas em fileiras e próximas uma da outra no sentido do rio, todas elas com portas direcionadas para o Araguaia e fundos para o cerrado, o qual é composto por inúmeras árvores frutíferas servindo de alimentação para os Inỹ. Esta é uma localização estratégica, pois é da natureza que retiram a maior parte de seus alimentos. Portanto, os Inỹ têm o rio Araguaia como eixo de referência mitológica e de organização social.

Contudo, Tuan (1982) traz a definição de espaço e lugar, pois, muitas vezes sua definição é confundida. De acordo o autor, uma aldeia é um lugar e que por sua vez é composta por outros lugares, como: (pátio, as casas domésticas, roças, beira do rio, etc). Embora a aldeia seja um lugar que também faz parte dos espaços da comunidade Inỹ, uma vez que, aldeia é vista pela comunidade de maneira especial, estando repletos de consistência cultural, valores e significado.

Dessa forma, podemos dizer que só é possível compreender o “outro”, lugares e espaços com a inserção por completo no seu contexto cultural e social, desconstruindo e construindo novos conceitos e pensamentos, olhar os aspectos que permeiam a estrutura social e perceber os fatos em tempo real. O que é quase impossível na totalidade, pois, ao observar a cultura do outro, já estamos imbuídos da nossa, o que, intervém na compreensão. No entanto, é na perspectiva de conhecer e respeitar o outro na totalidade que conduziremos esta pesquisa e, assim, compreendermos um pouco mais a respeito da organização dos espaços socioeducativos e a difusão dos saberes e fazeres gerados nesses ambientes Inỹ.

A princípio, percebemos que os espaços Inỹ no contexto cultural não é algo definido como estagnado por objetos ou sujeitos que o ocupam, perpassam por tudo isso indo mais além, contemplando o campo cosmológico. Entender que para adentrar a esses espaços são necessários certos cuidados, pois, suas organizações e percepções estão ancoradas na teia cultural desse povo, fugindo dos padrões convencionais seguidos pela cultura ocidental. Levando em consideração a peculiaridade de que cada grupo possuem formas específicas de organização e significar seus espaços de vivência para atender suas necessidades e articulações dentro do seu ambiente natural, cultural e social, incluindo os eventos culturais nos diversos espaços da comunidade. Uma vez que tais fenômenos estão arraigados de significados e consequentemente emissores de saberes, fazeres e conhecimento constituindo assim, uma forma de educação.

Nesse contexto, D’Ambrósio (2001, p.76) destaca a importância e a eficácia do emprego de recursos e instrumentos contextualizados na educação escolar e educação indígena, pois, “a contextualização é essencial a qualquer tipo de educação, principalmente

para populações nativas e marginais”. Assim evita conflitos culturais causados pela inserção de novos conceitos na educação indígena, pois, a “educação indígena parte do pressuposto de que cada grupo social possui mecanismos próprios para gerar, sistematizar e difundir seus saberes, fazeres e conhecimentos às novas gerações” D’Ambrosio (1990). Desse modo, abarcando costumes, percepção, relação com outros sujeitos e natureza, cosmologia/crenças, etc. que acontecem nos diversos espaços e lugares de sociabilidade da aldeia.

Nesse sentido, a Etnomatemática está vigente no encadeamento de ensino aprendizagem, tanto na escola, quanto nas distintas comunidades culturais. Ela mostra alternativas que atenda aos anseios da sociedade indígena, pois, a Etnomatemática procura repensar a melhor maneira de compreender historicamente os conhecimentos, a partir da realidade social dos sujeitos, busca uma explicação e transforma essa necessidade em fatos científicos. (D’Ambrósio, 1990).

Ancorados na ideia de D’Ambrosio, Gonçalves e Mello (2009) afirmam que a educação escolar indígena se torna um complemento aos conhecimentos culturais e garante o acesso aos códigos escolares não-indígenas. Engloba também a formação da consciência da cidadania, reformulação de técnicas e resistência, valorização cultural e a apropriação das estruturas da sociedade não-indígena obtendo novos conhecimentos úteis para melhores condições de vida.

Assim, vejo a escola como colaboradora, elaborando e desenvolvendo ações e atividades incentivadoras que valorize os saberes e fazeres da cultura Iny e do seu entorno, já que muitas comunidades, mesmo em estado quase provinciano, possuem tal unidade para educação dos seus filhos. Assim, os saberes da comunidade são externalizados por eles, quando estimulados a isso, e o mundo vivenciado pela ótica do alunado pode ser resgatado, valorizado e aprendido pelos professores, buscando sempre envolver nesse processo a família e as gerações que perpetuaram a origem e as tradições deles (FREIRE, 1989).

Parafraseando Silva (2013), a Etnomatemática dialoga transdisciplinarmente com diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, a Antropologia, Matemática, Sociologia, História, Psicologia, Educação, Filosofia, etc. e, sobretudo, com o entrelaçamento teórico/metodológico produzido e difundido pelos próprios anciãos. E que tem uma nova epistemologia e procura entender a aventura dos grupos sociais humanos na busca da geração, aquisição, acúmulo e difusão de saberes e conhecimentos necessários para a pulsão da vida. Trata-se de uma associação de conceitos relacionados com os aspectos culturais da

matemática e com os aspectos políticos e pedagógicos fundamentados nos ideais de Freire (2005).

Conforme afirma (D'AMBROSIO, 2001, p. 71) a “Etnomatemática engloba diferentes formas de saberes, fazeres e de conhecimentos de povos culturais, as quais, se manifestam nas vinculações, conflitos entre indivíduo e realidade para sobrevivência em sociedade”. Sendo assim, entende-se que a Etnomatemática busca abordar diversas formas de ser, saber, fazer, viver, conviver de grupo e indivíduos. Busca também romper com a visão de conhecimento unificado e universal, uma vez que, sugere a adoção de saberes e fazeres locais e culturais na constituição do conhecimento adotando uma prática contextualizada em espaços distintos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A priori, este trabalho iniciará com revisão bibliográfica referente ao povo Inã incluindo seus aspectos culturais, sociais e políticos. Nessa caminhada a Etnomatemática será a principal âncora para compreendermos essa temática, principalmente a vertente D'Ambrosiana, devido à importância dada na busca de melhor compreender como é constituído os conhecimentos, saberes e fazeres nas diferentes culturas para atender suas necessidades de sobrevivência ao longo do tempo.

Para realização de uma pesquisa entende-se que a escolha da metodologia é de fundamental importância para a efetivação da investigação e obter um melhor resultado. Neste momento, deve-se considerar a relação com os objetivos sugeridos da investigação, criando elos com o contexto onde a pesquisa será desenvolvida, assim, poder estabelecer caminhos a percorrer durante o trabalho de investigação.

Portanto, para realizar a pesquisa trilharei caminhos que me conduzirá a uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, devido ao contexto em que se encontra meu objeto de pesquisa e os subsídios teóricos que a sustenta. Sendo este, o Programa Etnomatemático abordado por D'Ambrósio (2009), o qual propicia aspectos fundamentais para compreender distintos grupos sociais, (organizações culturais, sociais e políticas), e entender como é sistematizado e estruturado os conhecimentos e as condutas dos sujeitos com o passar do tempo, para atender as necessidades de sobrevivência.

Desse modo, para realização de uma pesquisa etnográfica é necessário compreender o “outro”, o “diferente” familiarizando-se com as contínuas transformações. Também é preciso estranhar o que é familiar, e se familiarizar com o que é estranho, conforme destaca (AMOROZO, 2002).

Justificando também que a opção pela escolha do método etnográfica para o desenvolvimento da pesquisa foi embasada em Eckert e Rocha (2008, p. 2), o qual destaca que “a pesquisa etnográfica constitui no exercício do olhar e do escutar, impondo ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno observado através da sua participação nas formas de sociabilidade”.

Desse modo, o caminho a percorrer para compreensão da cultura e dos conhecimentos do povo a ser estudado, será apontado pela Etnografia. Uma vez que, ela possibilita a participação efetiva dos pesquisadores com realidade a ser investigada, podendo vivenciar as experiências em tempo real.

No que se refere à pesquisa qualitativa, D’Ambrósio destaca que esta é um tipo de pesquisa que propicia uma investigação que “lida e dá atenção às pessoas e às suas ideias, procura fazer sentido de discursos e narrativas que estariam silenciadas” (D’AMBRÓSIO, 2004, p. 21). Isso posto, entende-se que uma abordagem qualitativa nos permite a ouvir, falar, observar pessoas, grupos ou classes os quais pesquisamos. Concede também, compreensão dos conhecimentos, saberes, fazeres, narração, muitas vezes invisíveis, adormecidos ou silenciados. Nessa acepção, procurarei dar sentido as narrativas, rodas de conversas, saberes, fazeres e conhecimentos culturais do povo Inỹ para subsidiar a produção de dados para esta pesquisa. Também, desenvolver oficinas pedagógicas, observações, diálogos informais, registros fotográficos, filmagens, áudios das conversas, caderno de campo e entrevistas.

Fantinato (2004) dá ênfase a respeito dos métodos e instrumentos para a produção de dados de uma pesquisa. Para ela, “é preciso cuidado e rigores ao realizar uma pesquisa etnográfica. Procurar registrar o máximo de informações que puder, sobretudo no início da investigação, quando estamos ainda muito influenciados por nossas próprias concepções prévias” (FANTINATO, 2004, p. 44). Como forma de registros a autora destaca alguns procedimentos, como: diário de campo, gravações de áudios e vídeos, entrevistas, fotos, entre outras técnicas de coleta de dados.

Nesse viés, o detalhamento das circunstâncias e situações vivenciadas no decorrer da investigação nos espaços da aldeia Krehawã com o povo Inỹ, será fundamental para corroborar esta pesquisa, pois, “Os detalhes específicos são pistas úteis para a compreensão do mundo dos sujeitos” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 200), para tanto, se faz necessárias diversas formas de registros.

Quaisquer povos e culturas se organizam no seu espaço de vivência com intuito de suprir suas carências a fim de obter bem estar. Esta organização se estabelece de acordo com

aspectos climáticos, geográficos, hidrográficos, etc. Tais aspectos estão ligados diretamente com a cultura deste povo, uma vez que, atribuem significados e valores às organizações de seus espaços e dos lugares que ocupam. Esses fatores estão amarrados a instrumentos materiais, sociais, culturais e cosmológicos de que dispõem o grupo. Visto que, os mitos, os ritos, saberes e fazeres orientam este povo ao longo de sua vida e instrui sua organização no espaço. Todos esses aspectos preservam verdades que só são passíveis de serem entendidas com aceitação quando são interpretadas sob um olhar cultural que lhes deram origem.

Como caminho e estratégias para produção de dados para a pesquisa, adotaremos oficinas pedagógicas com intuito de compartilhar conhecimentos, saberes e fazeres, uma vez que, também pretendemos dinamizar os momentos de diálogos para obter as seguintes informações sobre o povo Inỹ; como se constitui ao longo do tempo os processos socioeducativos a partir dos diferentes espaços de vivência na comunidade; compreender suas dinâmicas e articulações nos ambientes natural; cultural e social e as contribuições dos eventos culturais e cerimoniais no processo socioeducativo das crianças Inỹ.

Desse modo, as oficinas serão pensadas juntamente com os professores da Escola Estadual Harodi, pois as experiências na função de docentes Inỹ ajudarão na articulação com a comunidade, assim, construindo uma ponte para adentrarmos aos espaços da aldeia e direcionarmos as temáticas e assuntos pretendidos a explorar.

Para realização das oficinas, serão utilizadas metodologias de caráter dinâmicas e atrativas. Para que o trabalho de campo não fique restrito somente a observações e a relatos, utilizando produção de desenhos pelos envolvidos, dessa forma, os sujeitos da pesquisa produzirão dados, os quais fornecerão informações sobre o assunto desejado de maneira particular. Nessas oficinas, pretendemos obter depoimentos dos professores, anciãos, mulheres, jovens e crianças, sendo eles as vozes e lentes deste trabalho, assim, revelar as memórias, lembranças, fatos e histórias do contexto da aldeia e da vida em particular de cada participante.

Outro aspecto importante para a realização da pesquisa será a observação *in loco*, devido à riqueza dos detalhes que será possível perceber, das diferentes formas de ver e sentir que são expressos nos depoimentos, na construção da totalidade que precedem as partes para o todo percebido nos acontecimentos da realidade da comunidade.

Conforme destaca França (2017), o trabalho na perspectiva etnográfica nos proporciona a imersão ao campo, possibilita a aproximação com a comunidade e vivências de experiências únicas da vida particular dos sujeitos. Estar mergulhado no campo que

pesquisamos e junto com os sujeitos, significa que a investigação “[...] passou pelo meu corpo, [...] sou parte dela, a pesquisa está em mim assim como eu sou parte viva e constante dela” (FRANÇA, 2017, p.23).

É importante destacar que a priori, não temos um modelo definido, pronto e acabado a seguir. Temos somente um caminho traçado, um planejamento a seguir para poder adentrar no campo dessa pesquisa, mas que no decorrer da sua execução poderá ser alterado de acordo as necessidades presentes para produzir os dados.

4. REFERENCIAS

AMOROSO, M. C. de M. **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas.** UNESP. 2002.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado 1988.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Edição atualizada até março de 2017.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer.** São Paulo-SP. – Série Fundamentos. Vol. 74: ed. Ática, 1990.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte – Autêntica, 2001.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Um enfoque transdisciplinar à Educação e à história da Matemática.** In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e BORBA, Marcelo de Carvalho (Orgs.). – São Paulo: Cortez, 2004.

D’AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática e história da matemática.** In: FANTINATO, M.C. Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009a, p. 21-30.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia: saberes e Práticas.** Revista Iluminuras– Publicação eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, v. 9, n. 21, 2008.

FANTINATO, M. C. **Reflexões sobre o processo de pesquisa em Etnomatemática: análise de uma experiência em contexto urbano.** Horizontes, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2004.

FRANÇA, Silbene Ferreira de Arruda. **MBYP PANDERÉJ: infância, educação e brincadeiras nas aldeias indígenas Cinta Larga**. 2017. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Cáceres – MT.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 eds. 2005. Paulo Freire. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

FREIRE, Paulo. **Política e Educação Popular** (A Teoria e a Prática de Paulo Freire no Brasil). São Paulo: Ática, 1989.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. Ed., reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, E.; MELLO, F. **Educação Indígena**. Curitiba, 2009

GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens dou outro**. Edição Especial. Cadernos de Pesquisa, nº 107. São Paulo, Fundação Carlos Chagas; Campinas, Editores Associados, 1999 pp. 41 - 78

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATTÍSTICA Disponível em :<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510530&search=%7Cluciara>, 2010.

KAHN, M. & FRACHETTO, B. **Educação Indígena no Brasil: conquistas e desafios, Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 63, jul./set., 1994.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In Sociologia e Antropologia, V. II, São Paulo, Edusp. 1974

RODRIGUES, A. D. "**Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**". Ciência e Cultura 95:20-26. 1993b.

SILVA, Adailton Alves da. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do danhono por dentro do octógono sociocultural A'uwẽ/Xavante**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Instituto de Geociência e Ciências Exatas - Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Rio Claro-SP, 2013.

SILVA, A. A.; FILHO, J. S. **Do viver ao transcender: processos socioeducativos de povos culturalmente distintos**. MELO, E. A. de P. BACURY, G. R. Diversidade sociocultural indígena: novos olhares para a pesquisa, o ensino e a formação de professores que ensinam matemática. (Org.) – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018.

TUAN, Yi – Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Difel, 1983. Trad. Silvia de Oliveira.